

Francisco Caetano Lopes Júnior  
Stanford University

A guerra, enquanto assunto, tema ou forma, sempre representa um grande perigo em qualquer literatura (e a literatura norte-americana está aí mesmo que não nos deixa mentir, cada vez mais mostrando - nos aspectos diferentes desse "estranho monstro social" quer seja veiculado através de livros, peças teatrais ou cinema), sendo literalmente profícua uma narrativização que tente dar conta dos últimos conflitos bélicos travados em escala internacional. Nessa medida, a produção anglo-saxônica no que diz respeito à Guerra do Vietname ocupa/tem ocupado lugar de destaque no imaginário dos "ianques", principalmente nos últimos dez anos, quando a Nicarágua passou a representar uma reduplicação, não-querida por uns, estimulada por outros, daquele conflito asiático, porém, agora, realizado às portas do território "gringo". A situação torna-se ainda pior se a questão da guerra representa em alento para acirrar os ânimos da defesa da hegemonia nacional, tornando-se imediatamente assunto reservado à esfera de uma ideologia de segurança nacional. Se ainda para pior, tal ato de beligerância foi "perdido", o país "perdedor" terá muita dificuldade em deglutir de forma sistêmica tal "acontecimento".

É exatamente isso o que aconteceu com as guerras de descolonização portuguesas acontecidas em África. Durante o período salazarista, eram tomadas como último bastião de esperança lusa (à semelhança do que aconteceu com a Guerra das Malvinas na Argentina, onde de aquelas ilhas representaram a última cartada "nacionalista" do (autodenominado "Proceso de Reorganización Nacional"), prova incontestável das vitórias travadas além e aquém-mar. Com o vinte e cinco de abril, que incorporou muitos elementos do estamento militar que participaram da guerra e que queriam uma

solução "pacífica" para o conflito (como, por exemplo, o general Spínola), a guerra é deixada de lado, pois não representa um artigo de primeira necessidade. Há outros campos nos quais se deve pensar, nos quais se deve investir toda a energia possível para a reconstrução do país e da democracia. O conflito bélico é literalmente jogado para escanteio à espera de dias melhores que virão. Muito tempo passado e nada de uma reflexão mais séria a nível histórico dessa ferida mais do que traumatizante. Ainda era muito cedo, há que conseguir-se um distanciamento maior, diriam os historiadores quando pressionados. É preciso, pois, que os meios de expressão cultural se reapropriem do tema para que volte à baila.

Com o filme de João Botelho (Um adeus português) e agora com o lançamento de dois romances, a guerra volta ao centro de discussão enquanto assunto e temática a desafiar a História, recontando-a em forma de estória, narrativa, ficção, memória. Esses livros aparecem em 1988 refletindo sobre os efeitos dessa guerra nos imaginários da sociedade portuguesa, representada, no caso específico destes dois romances, por um ex-estudante de matemática, que vira um terrível carniceiro em A costa dos murmúrios, de Lídia Jorge\* e um ex-soldado que serviu na Guiné-Bissau, tendo um "estranho" caso de amor com um companheiro de armas, no que diz respeito a Até hoje (memórias de cão), de Alamo Oliveira \*\*. Duas reflexões extremamente importantes a respeito dos traumas deixados nestes seres humanos que involuntariamente foram à guerra. O primeiro queria apenas formar-se em matemática; o segundo não sabia por que estava indo fazer a guerra contra um inimigo que mal conhecia (e nunca chegou a conhecer bem). Uma reflexão a respeito do absurdo e da perplexidade que os animou durante um período tão conturbado da história portuguesa mais recente.

Segundo algumas correntes históricas, é preciso que o historiador tenha um certo distanciamento dos fatos ocorridos para que, sobre eles, possa ter uma racionalização adequada e uma interpretação o mais próximo possível da realidade. Nada mais justo, no entanto nada mais centrado e totalizador. Quando a historiografia oficial não "ousa" mexer em tal casa de marimbondos, faz-se necessário que outros discursos participantes da esfera social o realizem, é o

caso, por exemplo, desses dois romances que não se importam em mergulhar profundamente em assuntos tão delicados, porque de alta voltagem ideológica, quer como "revanche", na visão estreita da direita, quer como "cadáver fresco", na ótica limitada de uma certa esquerda. Assim Lídia Jorge e Alamo Oliveira revisitam narrativamente o território africano; ela, em Moçambique; ele, na Guiné-Bissau, para nos informar o que, de fato, pode ter acontecido.

Em A costa dos murmúrios, Evita, vinte anos de pois, começa por tentar conseguir um retrato mais delicado e nuançado do seu, à altura, noivo e estudante de matemática, Luís Alex, que se torna um vingador implacável, torturador e matador de negros nas florestas tropicais africanas. Toda a investigação empreendida pela narrativa se debruça sobre os porquês de tal comportamento, desvendando os mistérios mais profundos da alma humana, contaminada que está por todos os mecanismos sociais empregados para se cumprir a ordem e lei. Dividido em duas partes bastante distintas, mas organicamente independentes, o romance de Lídia Jorge se apresenta em movimento duplo: em primeiro lugar, é-nos apresentada uma "estória" intitulada "Os gafanhotos" na qual se tem, em síntese, a trama do próprio romance A costa dos murmúrios. O entrecho é simples, senão muito comum: uma mulher (Eva Lopo) se casa com um homem (Luís Alex), durante a guerra de descolonização, num hotel (Stella Maris). Há uma festa, a separação, a espera e, vinte anos de pois, a mesma Evita se encarregará de pensar o que aconteceu com/entre ambos. Neste ponto, a segunda narrativa se debruça sobre a primeira corrigindo-a, pontuando-a, lançando-lhe novas luzes a respeito não só da guerra como dos sentimentos que foram forjados durante este período-limite. A ditadura salazarista bem como toda a estratégia de recrutamento ideológico dos quadros formadores da guerra são trazidos à tona, mostrando-se-nos todo o engodo pelo qual a sociedade portuguesa se viu coberta por mais de quatro décadas. Fala-se da guerra e de muito mais, ampliando-se o seu significado. O romance formula-se enquanto análise implacável de todos os efeitos perniciosos que um regime de força pode indelevelmente imprimir aos seus seguidores. Luís Alex se vê transformado numa "besta-fera", e todo o esforço memorialísti-

co de Eva é por saber que motivos o levaram de uma criatura totalmente dedicada a encontrar uma resolução para os seus problemas matemáticos a transformar-se num matador de negros de primeira ordem, com requintes de tortura. Eva se espanta sempre com as mudanças que foram sendo progressivamente impostas ao seu marido/noivo que se desumaniza à medida que a guerra evolui. Perplexa, se questiona, e a resposta vai sendo dada no decorrer do recontar a estória, que incorpora todos os elementos estratégicos da História. A certa altura nos diz o narrador:

"Acho até interessante a pretensão da História, ela é um jogo muito mais útil e complexo do que as cartas de jogar".(p.42)

excertoeste que reúne os temas principais do romance: jogo, História, estória, maneira de narrativizar, todos servem para informar o imaginário que está sendo reconstruído numa revisitação possível (dentre muitas) das guerras de descolonização. Lídia Jorge trabalha estes elementos de uma forma magistral, desvendando-nos caminhos "nunca dantes navegados". A guerra se ilumina e se faz possibilidade de interpretação.

Já em Até hoje (memórias de cão), o tecido bélico vem permeado de uma outra questão (também carente em termos de cultura ocidental dos últimos vinte anos): a redefinição do sujeito. Aqui os soldados são tirados das suas aldeias natais para serem levados a sítios estranhos, onde tudo é absolutamente desconhecido e estranho (uma belíssima revisitação dessa problemática encontra-se mostrada no filme Good morning, Vietnam). Dos negros, habitantes incondicionais da selva africana, aos companheiros, vindos das mais diferentes regiões e tradições portuguesas, João se encontra com todo um painel, amplo demais para o seu horizonte limitado de rapaz açoriano. Além disso, ou seja, além da descoberta da guerra, João, este personagem emblemático de tantos jovens portugueses levados à guerra (ou à emigração ou ainda à deserção), se vê às voltas com uma sexualidade "anômala". Pânico total o informa, sendo incapaz de assumir declaradamente a sua paixão, mesmo que esta se esteja a manifestar num espaço de circunstâncias-limite (um outro bom exemplo dessa mesma questão quanto à Guerra

do Vietname pode ser encontrado na peça de David Rabe Streamers). À semelhança do personagem de Midnight Express, João não consegue libertar-se das amarras que o prendem a um mundo machista e unidimensional, erigido sobre o "phallus", doador de potência e força. No romance de Álvaro Oliveira, João e Fernando, o "casal de soldados", unidos no medo e na desilusão vão percorrendo estas memórias de cão da guerra, ao mesmo tempo que se descobrem enquanto portadores de uma sexualidade outra, diferente, cujo nome não se pode dizer ou pronunciar. Aos poucos, no entanto, o leitor é levado a descobrir que muito antes de ser uma anomalia, o comportamento dos dois representa um estado comum daqueles que foram jogados (e se encontram totalmente isolados ou abandonados: uns desposuídos, em suma) nas selvas africanas. Fazem uma guerra cujo sentido não está muito claro para ninguém, a não ser para o regime. Aos poucos, todas as possíveis expectativas são desarmadas em função de uma rotina que os mata e os sepulta sem piedade. Até os inimigos, para desespero daqueles soldados lusos, os "negros", não aparecem e, quando o fazem, são tão parcimoniosos que as ações se transformam em pânico desmedido e imaginoso mas não totalmente real. Teme-se muito mais medo das projeções do inimigo que propriamente da sua força. Teme-se muito mais o despreparo no qual se está mergulhado que evidentemente os possíveis ataques reparadores "efetuados" pelos (verdadeiros) donos da terra. Medo, tédio, aborrecimento e paixão são os ingredientes mais importantes desse romance em forma de memória culpada sobre as guerras de descolonização. No meio disso tudo, a descoberta de uma saída (talvez a única possível à época) final: a emigração. Assim, os dois pilares da política salazarista são postos a nu, descarnando-se todas as suas capas de mistificação e de patriotismo desabusado e hediondo. A guerra expõe dramaticamente as suas feridas e nos convida a refletir sobre que sentido têm as ações autoritárias.

Interpretando a História recente do seu país, Lídia Jorge e Álvaro de Oliveira trazem para o centro de discussão da esfera cultural um dos capítulos mais nebulosos do percurso histórico português dos últimos vinte anos. E é bastante sintomático (assim, pelo menos, parece-nos) que seja a ficção a retomar os

caminhos da interpretação histórica, lançando-nos no  
vas luzes sobre os fatos e a sua arqueologia, a sua  
formação discursiva no meio do tecido social. Os  
narradores se perguntam da validade (qual guerra, ao  
fim e ao cabo, será válida por mais honesta que pos  
sam ser suas justificativas ou racionalizações?) de  
todo e qualquer empreendimentos conquistador e impe  
rialista. A resposta nos é apresentada de forma a-  
marga e contundente pelo narrador de Até hoje:

"Nunca mais abriu a janela do seu quarto, deci  
são de última hora, incorruptível decisão pelo  
bolor, pelo vício de destruir por dentro o espa  
ço íntimo em que se movia. E ficou com a certeza  
de que a ilha apodreceria de humidade". (p.173)

O resto é silêncio ou então o mar...nada mais  
que o mar, este possibilitador de infinitos e de mi  
tos, principalmente portugueses.

\* JORGE, Lídia. A costa dos murmúrios. Lisboa, Dom  
Quixote, 1988.

\*\* OLIVEIRA, Álvaro. Até hoje (memórias de cão).  
Lisboa, Signo, 1988.